

FONTE : GM

CLASS. : 09

DATA : 23 03 90

PG. : 17

AMAZÔNIA

Diretor da WWF propõe preservação prioritária das grandes áreas

por Daniela Chiaretti de São Paulo

São necessários (US\$ 1 mil) para reflorestar, com espécies exóticas, 1 hectare desmatado de um ecossistema rico como o da Floresta Amazônica. Trata-se de um custo considerável para regenerar, de forma adequada, áreas devastadas. Por um raciocínio lógico, a prioridade, agora, deve ser a de investir na preservação de grandes áreas. A recuperação de pequenas regiões, já descaracterizadas, deve vir em segundo plano.

O raciocínio é de Robert J. Buschbacher, diretor do programa de florestas tropicais do Conservation Foundation and World Wildlife Fund, a WWF, uma das maiores entidades ambientalistas do mundo, conhecida, no Brasil, também pela denominação "Fundo Mundial da Vida Silvestre".

Buschbacher é defensor de um conceito que se tornou o denominador comum entre economistas e ecologistas de todo o mundo — o desenvolvimento racional e auto-sustentado das florestas tropicais. Uma das bases desta ideia são os planos de manejo — ou seja, a exploração da floresta de forma a gerar lucros e propiciar sua regeneração. "Ao se estruturar um plano de manejo", formula, "deve-se sempre pensar se ele torna possível uma produtividade futura igual à produtividade que existe, na região, no presente."

Buschbacher falou ontem, em Washington, a jornalistas e representantes de entidades ambientalistas brasileiras que o ouviram, nas dependências do Consulado americano em São Paulo, no Rio e em Brasília, ao vivo, através

da Worldnet, um programa via satélite patrocinado pelo Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos da América — USIS.

"O importante, agora, é se fazer um zoneamento racional da Amazônia", disse ele. "Há áreas que devem permanecer intactas, preservando-se, assim, toda a sua riqueza biogenética." Outras regiões, já devastadas, devem ser reflorestadas a partir de espécies da região.

Para o especialista, uma das falhas do modelo atual de desenvolvimento da região é o que acaba facilitando a saída de produtos — e lucros — da área. "É necessário beneficiar os moradores que vivem no local. Eles conhecem as espécies nativas, sabem como explorá-las, mas não têm capital."

Maria Thereza Jorge de Pádua, presidente da Fundação de Proteção à Natureza, entidade ambientalista sediada em Brasília, lembrou que, nos últimos oito anos, a média de desmatamento na Amazônia bateu em 6 milhões de hectares anuais e que o custo para reflorestar 5 milhões de hectares é de US\$ 5 bilhões.

Buschbacher acredita que as pesquisas extrativistas devem ser aprofundadas; que a exploração de madeira pode ser feita de maneira racional, não predatória e lucrativa; que existe tecnologia com preço acessível para viabilizar a extração de ouro sem que se promova uma contaminação generalizada com mercúrio; que qualquer sistema de manejo implica diminuição da diversidade biológica e que, por isso, tal prática tem que ser implantada ao lado de áreas que permaneçam intactas.